

Juro cria mal-estar entre Fazenda e Planejamento

Declaração sobre necessidade de aumentar taxa em caso de guerra faz Palocci desautorizar assessor de Mantega

Valderez Caetano
e Vivian Oswald

• BRASÍLIA. Um comentário feito ontem pelo novo chefe da Assessoria Econômica do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, José Carlos Rocha Miranda, provocou um grande mal-estar entre o Planejamento e o Ministério da Fazenda. O economista, que assumiu o cargo ontem, disse que uma guerra no Oriente Médio por mais de quatro meses pode obrigar o governo a elevar a taxa de juros em, pelo menos, três pontos percentuais. Ele calculou que o país gastaria US\$ 3 bilhões a mais com a importação de petróleo. Pouco tempo depois de saber da declaração, o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, desautorizou Miranda:

— Não é o assessor do Ministério do Planejamento quem decide os juros; é o Copom (Comitê de Política Monetária). Nem o assessor nem esse ministro tomará uma decisão a este respeito — disse, ao sair de uma reunião.

Logo depois da repreensão, Miranda divulgou nota à imprensa reafirmando que, a se confirmar este cenário internacional, as autoridades monetárias brasileiras serão levadas a adotar políticas monetárias e fiscais “mais contracionistas”, ou seja, aumento dos juros. Desta vez, não menciona de quanto seria esse aumento. Ele ainda diz que o mais provável é que haja uma guerra curta, que não alteraria fundamentalmente as políticas monetária e fiscal do país.

Ao desautorizar Miranda, Palocci disse não acreditar que a guerra provoque mudanças expressivas na economia brasileira, pois a possibilidade de conflito já é conhecida do mercado há algum tempo.

Para desanuviar o clima, o ministro Mantega procurou os jornalistas para também desautorizar seu assessor e dizer que Miranda cometera um deslize. O ministro disse que o assessor avaliara de forma inadequada a repercussão da guerra sobre a economia brasileira. Mantega negou que Miranda vá sofrer algum tipo de punição pela intervenção inadequada.

— Ele mesmo reconheceu que cometeu um pequeno deslize. Ele é professor da UFRJ e ainda não tirou a toga de acadêmico nem vestiu a de alto funcionário, quando é preciso ser mais realista — disse Mantega, que negou qualquer mal-estar entre ele e Palocci.

Mantega: guerra pode atrapalhar desenvolvimento

Mantega disse não acreditar que uma possível guerra tenha grande repercussão sobre a economia, mas que haverá efeitos sobre o fluxo de capital estrangeiro para o país.

— Mesmo que o barril de petróleo vá a US\$ 40 não haverá pressão sobre os juros. O Brasil produz 82% do petróleo que consome e, no caso de um choque, excepcionalmente, o preço poderia ser aumentado apenas sobre a parte importada. Estamos com um colchão de segurança. A garantia é que a situação é favorável para o país. Aliás, ninguém pode mesmo garantir que haverá guerra — disse Mantega.

O ministro reconheceu que o conflito pode atrapalhar o esforço que o governo está fazendo para colocar o país nos trilhos do desenvolvimento:

— Nossa esforço hoje é o de reconquistar a credibilidade e a confiança, diminuir nossa vulnerabilidade diante das perturbações externas e reduzir a dependência de capitais. ■